



CCB

Viagem de Inverno
Schubert

Rufus Müller
Maria João Pires

16 Janeiro 2010

Grande Auditório

21h

Viagem de Inverno Winterreise

TENOR **Rufus Müller**

PIANO **Maria João Pires**

M / 12 ANOS

SEM INTERVALO

DURAÇÃO APROXIMADA > 80 MINUTOS

P R O G R A M A

Franz Schubert

1797-1828

Winterreise (Viagem de Inverno)

D911, op.89 (Müller)

1827

- 1 **Gute Nacht** Boa-noite
- 2 **Die Wetterfahne** O cata-vento
- 3 **Gefrorne Tränen** Lágrimas geladas
- 4 **Erstarrung** Torpor
- 5 **Der Lindenbaum** A tília
- 6 **Wasserflut** Inundação
- 7 **Auf dem Flusse** À beira do rio
- 8 **Rückblick** Olhar o passado
- 9 **Irrlicht** Fogo fátuo
- 10 **Rast** Repouso
- 11 **Frühlingstraum** Sonho de Primavera
- 12 **Einsamkeit** Solidão
- 13 **Die Post** O correio
- 14 **Der greise Kopf** A cabeça grisalha
- 15 **Die Krähe** A gralha
- 16 **Letzte Hoffnung** Última esperança
- 17 **Im Dorfe** Na aldeia
- 18 **Der stürmische Morgen** Manhã de tempestade
- 19 **Täuschung** Ilusão
- 20 **Der Wegweiser** O poste indicador
- 21 **Das Wirtshaus** A estalagem
- 22 **Mut** Coragem
- 23 **Die Nebensonnen** Os parélios
- 24 **Der Leiermann** O tocador de realejo

Winterreise, ou a viagem interior

*Estrangeiro, cheguei
E estrangeiro parto.
Maio acolheu-me favorável
Com muitos ramos de flores.*

*A rapariga falou de amor,
A mãe até em casamento,
O mundo agora está tão sombrio,
O caminho coberto de neve.*

É com estas palavras que se inicia o poema *Gute Nacht (Boa-Noite)*, o primeiro dos vinte e quatro que compõem o ciclo *Winterreise (Viagem de Inverno)* de Franz Schubert, baseado na obra homónima do poeta alemão Wilhelm Müller (1794-1827) e, certamente, o ciclo de *Lieder* mais emblemático de toda a história da música ocidental.

Mas, antes sequer do cantor proferir os versos que abrem a obra e que, de certa forma, a resumem, já o piano nos mergulhou nas harmonias sombrias e tristes que vão acompanhar esta jornada desolada e desoladora, e isto em meia dúzia de compassos apenas.

A melancolia generalizada do ciclo não constitui propriamente surpresa ou novidade, ou não tivesse Schubert escrito: “As minhas criações existem pelo meu conhecimento da música e da dor.” (27 de Março 1824), ou ainda: “Que fariamos da alegria, já que a tristeza é ainda o único estímulo que nos resta?” (21 de Setembro 1824)

A bem dizer, a vida de Schubert não

foi um mar de rosas, tendo o compositor permanecido quase sempre à margem do circuito musical “oficial” de Viena (e, em consequência, à margem do sucesso profissional e financeiro), então dominado, cada vez mais, por Rossini e a música italiana. É verdade que a sua música era tocada um pouco por toda a cidade, e mesmo fora dela, mas o verdadeiro sucesso foi póstumo, já os anos de 1830 iam avançados, também devido aos esforços militantes de Robert Schumann (1810-1856) – a edição completa (assim se pensava) da sua obra só surgiria a partir de 1885 pela mão da editora Breitkopf.

Schubert nasceu a 31 de Janeiro de 1797 em Viena, filho de Franz-Theodor (1763-1830), professor, director de escola e violoncelista amador, e da sua primeira mulher, Elisabeth Vietz (1756-1812). O talento precoce de Franz fez com que fosse aceite na capela da corte como corista e no Stadtkonvikt de Viena (Seminário imperial e real), onde permaneceu entre 1808 e 1813. Aqui, além de receber uma educação completa e de grande qualidade, descobriu um mundo de actividade musical que desconhecia até então, no qual se integrou sem problemas – a escola tinha uma orquestra de muito bom nível. Nesta mesma altura, tornou-se também discípulo de Antonio Salieri (1750-1825), director da Ópera de Viena e, mais tarde, *Kapellmeister* do imperador e um dos compositores mais famosos da cidade.

Depois de sair do Stadtkonvikt e devido à insistência do seu pai, Schubert torna-se professor. Todavia, continua com os seus estudos musicais e é desta altura que data a sua primeira obra-prima, o *Lied Gretchen am Spinnrade*, D118 (*Margarida na Roca*, composta a 19 de Outubro de 1814) sobre um poema de Goethe – para muitos, o primeiro verdadeiro *Lied* romântico. Os anos seguintes são de extraordinária produtividade. Schubert compõe em diversos géneros, privilegiando no entanto o *Lied*, com cerca de 250 escritos entre 1815 e 1816.

Pouco tempo depois, Schubert sai da casa familiar e vai viver com Franz von Schober (1796-1882), um amigo próximo, e através dele é apresentado ao conhecido barítono Johann Michael Vogl (1768-1840) que rapidamente se tornaria num dos mais determinados defensores e divulgadores dos seus *Lieder*.

Depois de abandonar a escola do pai uma primeira vez em 1816, Schubert deixa finalmente o ensino em 1818 para se dedicar à música a tempo inteiro. Por esta altura, o seu reconhecimento público, embora sempre moderado, é crescente: em Março de 1818 uma abertura do compositor foi apresentada em público – a primeira vez que tal sucedeu com uma obra sua – e, pela primeira vez também, um *Lied* seu, *Erlafsee* (D586), foi publicado.

Entretanto, Schubert muda de casa diversas vezes e alarga a sua rede de contactos. No dia 26 de Janeiro

de 1821 dá-se a primeira “Schubertiada” (a primeira documentada), convívios nocturnos informais de intelectuais, músicos e poetas, em que as obras de Schubert eram atracção central. Estas reuniões, em que se lia poesia, cantavam-se *Lieder*, bebia-se ponche e debatiam-se os mais variados assuntos, aconteceram com mais ou menos regularidade até à morte do compositor, geralmente em casas particulares.

Os anos de 1821/1822 marcam um ponto alto na carreira de Schubert. Não só a sua produtividade e criatividade não diminuíam – a composição de novas obras mantinha-se a um ritmo impressionante –, a sua visibilidade no meio musical era cada vez maior, quer através de apresentações públicas das suas obras, encomendas, ou publicações, como a sua situação financeira era boa.

No entanto, provavelmente devido ao seu estilo de vida boémio, muito pouco saudável, Schubert contraiu sífilis, uma doença muito corrente à época, sobretudo nos meios urbanos. A partir de 1823, começam a surgir os primeiros sintomas. Embora a sua produção musical não tenha diminuído, o compositor foi-se isolando cada vez mais, certamente devido às sequelas físicas inerentes à doença e aos tratamentos necessários, e pode afirmar-se que, a partir desta altura e até à sua morte em 1828, a sua vida esteve em decadência quase permanente.

Em Março de 1824, numa carta a Leopold Kupelwieser (1796-1862), Schubert escreve: “Sou a criatura mais infeliz e desgraçada do mundo.” É ver o estado anímico em que o compositor se encontrava. A sua vida amorosa seguramente não ajudava e embora pouco se saiba sobre ela, é geralmente aceite que houve duas mulheres por quem o compositor esteve realmente apaixonado: Thérèse Grob, com quem aparentemente se quis casar alguns anos antes, o que não terá sucedido por falta de condições de subsistência, e a jovem condessa Caroline Esterházy, sua aluna e manifestamente um amor impossível. Não obstante uma melhoria da sua saúde se ter verificado entre 1825 e 1826, a sífilis foi piorando até que, em Agosto de 1828, Schubert foi viver para casa do seu irmão Ferdinand e aí morreu no dia 19 de Novembro com apenas 31 anos, o que torna o famoso epitáfio de Franz Grillparzer (1791-1872) inscrito no túmulo de Schubert penosamente verdadeiro: “A arte da música enterrou aqui um rico tesouro, mas ainda maiores esperanças.” Ainda antes de morrer, e entre variadíssimas outras coisas, Schubert teve tempo de escrever dois marcantes ciclos de *Lieder* baseados em poemas de Müller, *Die schöne Müllerin* (A bela moleira, D795, 1823) e *Winterreise* (Viagem de Inverno), e apresentar, pela primeira e única vez, um concerto inteiramente dedicado a obras suas, no dia 26 de Março de 1828, primeiro aniversário da morte de Beethoven. Schubert foi o verdadeiro impulsionador do género do *Lied*, tendo-o cultivado com regularidade ao longo de toda a vida (sensivelmente entre 1814 e 1828). Embora o género tivesse raízes longínquas e já existisse numa forma semelhante

desde meados do século XVIII, e Beethoven tivesse mesmo sido o primeiro a escrever um ciclo, *An die ferne Geliebte* (À amada distante, op. 98, publicado em 1816), foi Schubert que o elevou ao nível de outros géneros musicais considerados mais “nobres”, como a sonata ou a sinfonia, colocando-o no centro da sua produção artística. Nisto, beneficiou da mudança progressiva de gostos do novo público burguês que se estava a formar um pouco por toda a Europa e que privilegiava géneros mais intimistas e de expressão nacional. O *Lied* germânico – à imagem da *mélodie* francesa –, ao conjugar música e poesia numa dimensão expressiva nova, correspondia na perfeição às solicitações da época.

Entre os mais de 600 *Lieder* que Schubert escreveu e são hoje conhecidos, contam-se três ciclos. Os dois supramencionados e um terceiro, não pensado originalmente como tal, mas montado postumamente com alguns dos últimos *Lieder* do compositor e convenientemente intitulado *Schwanengesang* (Canto do cisne, D957, com poemas de Rellstab e Heine). Todos eles gozam de grande popularidade hoje em dia e são frequentemente interpretados em público e gravados.

Entre os três, *Winterreise* é certamente o mais assombroso. A obra original de Müller está dividida em duas partes, cada uma com doze poemas. Schubert escreveu a música para a primeira no início de 1827, sendo que só em Outubro é que tomou conhecimento da segunda parte. O ciclo completo deverá ter sido terminado ainda antes do final do ano. Em relação à obra poética original, o compositor limitou-se a alterar a ordem de alguns poemas e eliminar o artigo do título, *Die Winterreise*. Schubert chamava-lhe um “ciclo de *Lieder* lúgubres” e, de facto, a temática dos poemas de Müller não

é das mais alegres, pelo contrário, a sombra da morte é omnipresente. Musicalmente, este ambiente frio e funesto é enfatizado pelas tonalidades menores utilizadas na esmagadora maioria dos *Lied* do ciclo. Quando Schubert mostrou a obra aos seus amigos mais próximos, e perante a estupefacção generalizada, declarou: “Estes são os *Lieder* de que mais gosto e também vos irão agradar.”

Seria fácil e tentador associar a angústia da obra à vida do compositor e ver em *Winterreise* uma dimensão autobiográfica (ideia, aliás, também válida para Müller), mas a maioria dos comentadores alerta para o perigo desta tese, argumentando, entre outras coisas, que na mesma época o compositor escreveu várias obras de características alegres e jocosas, em evidente contraste com a temática do ciclo.

Como o título indica, *Winterreise* é sobre um viajante no Inverno. Mas a verdade é que o ciclo é bem mais que isso. Como questionou perspicazmente André Tubeuf: “Quem viajaria no Inverno? Só aquele que não pode fazer de outra forma. Que impulso insensato, como só existe nos loucos, empurra para a paisagem branca, deserta, onde quase se apaga (tanto a neve cega) a diferença entre noite e dia, onde sem se dar conta se pode estar a andar às voltas, onde se está sem referências, sem indicações?” A resposta é complexa e aberta a diferentes interpretações. *Winterreise* conta-nos uma viagem, ou melhor mostra-nos alguns episódios dessa viagem pouco linear, mas não nos dá muitas indicações sobre quem é o viajante nem qual é o seu propósito.

A razão para se ter posto em marcha, essa é conhecida logo no primeiro *Lied*: uma desilusão amorosa, e, de facto, de *Die schöne Müllerin* em que o aprendiz

de moleiro acaba por suicidar-se. Mas em *Winterreise* a desilusão amorosa inicial é só o pretexto, já que a verdadeira viagem será outra, uma viagem interior, emocional, psicológica, da qual as descrições das difíceis condições da deambulação do poeta são apenas o reflexo simbólico. Do amor inicial pouco ou nada mais saberemos, só restam as recordações.

Ao longo do percurso, será caso, entre outras coisas, de uma cata-vento, de lágrimas geladas, de cães a ladrar, de um rio, de uma aldeia, de um corvo, de sonhos e ilusões, de um realejo e sempre do gelo, do frio, da neve e da tristeza, tantas memórias difusas, sensações e desabafos de uma viagem inelutável e transformadora. Tudo sublimado pela magnífica música de Schubert.

Winterreise deslumbra pela sua beleza e genialidade poética e musical, e intriga pela sua subjectividade. De certa forma, ousemos dizê-lo, aquele viandante que, sem outra opção e com um grão de insensatez, sai do conforto da casa no Inverno e enfrenta um deserto árido e gelado de emoções, somos todos nós.

FRANCISCO C. SASSETTI

Franz Schubert

Winterreise

(Wilhelm Müller)

Gute Nacht

Fremd bin ich eingezogen,
Fremd zieh' ich wieder aus.
Der Mai war mir gewogen
Mit manchem Blumenstrauß.

Das Mädchen sprach von Liebe,
Die Mutter gar von Eh',
Nun ist die Welt so trübe,
Der Weg gehüllt in Schnee.

Ich kann zu meiner Reisen
Nicht wählen mit der Zeit,
Muß selbst den Weg mir weisen
In dieser Dunkelheit.

Es zieht ein Mondschatten
Als mein Gefährte mit,
Und auf den weißen Matten
Such' ich des Wildes Tritt.

Was soll ich länger weilen,
Daß man mich trieb hinaus?
Laß irre Hunde heulen
Vor ihres Herren Haus!

Die Liebe liebt das Wandern
Gott hat sie so gemacht
Von einem zu dem andern.
Fein Liebchen, gute Nacht!

Will dich im Traum nicht stören,
Wär schad um deine Ruh'.
Sollst meinen Tritt nicht hören -
Sacht, sacht die Türe zu!

Schreib' im Vorübergehen
Ans Tor dir: Gute Nacht,
Damit du mögest sehen,
An dich hab' ich gedacht.

Die Wetterfahne

Der Wind spielt mit der Wetterfahne
Auf meines schönen Liebchens Haus.
Da dacht ich schon in meinem Wahne,
Sie pfiff den armen Flüchtling aus.

Boa-noite

Estrangeiro, cheguei,
E estrangeiro parto.
Maio acolheu-me favorável
Com muitos ramos de flores.

A rapariga falou de amor,
A mãe até em casamento,
O mundo agora está tão sombrio,
O caminho coberto de neve.

Para a minha viagem não posso
Escolher eu o momento,
Tenho de encontrar o meu caminho
Nesta escuridão.

A sombra da lua
É a minha companheira,
E nos campos brancos
Procuro as pegadas da caça.

Para que hei-de demorar-me,
Até me expulsarem daqui?
Deixa ladrar os cães enlouquecidos
Diante da casa do seu dono!

O amor gosta de vagabundear
Foi Deus que assim o fez
Passa de um para o outro.
Boa-noite, meu amor!

Não quero perturbar os teus sonhos,
Prejudicaria o teu descanso.
Não deves ouvir os meus passos
Fecho a porta docemente!

Ao passar, escrevo-te
Na porta "Boa-noite",
Para que possas ver,
Que pensei em ti.

O cata-vento

O vento brinca com o cata-vento
Na casa da minha bela amada.
Pensei então na minha loucura,
Que ela troçava do pobre fugitivo.

Er hätt' es eher bemerken sollen,
Des Hauses aufgestecktes Schild,
So hätt' er nimmer suchen wollen
Im Haus ein treues Frauenbild.

Der Wind spielt drinnen mit den Herzen
Wie auf dem Dach, nur nicht so laut.
Was fragen sie nach meinen Schmerzen?
Ihr Kind ist eine reiche Braut.

Gefrorne Tränen

Gefrorne Tropfen fallen
Von meinen Wangen ab:
Ob es mir denn entgangen,
Daß ich geweinet hab'?

Ei Tränen, meine Tränen,
Und seid ihr gar so lau,
Daß ihr erstarrt zu Eise
Wie kühler Morgentau?

Und dringt doch aus der Quelle
Der Brust so glühend heiß,
Als wolltet ihr zerschmelzen
Des ganzen Winters Eis!

Erstarrung

Ich such' im Schnee vergebens
Nach ihrer Tritte Spur,
Wo sie an meinem Arme
Durchstrich die grüne Flur.

Ich will den Boden küssen,
Durchdringen Eis und Schnee
Mit meinen heißen Tränen,
Bis ich die Erde seh'.

Wo find' ich eine Blüte,
Wo find' ich grünes Gras?
Die Blumen sind erstorben
Der Rasen sieht so blaß.

Soll denn kein Angedenken
Ich nehmen mit von hier?
Wenn meine Schmerzen schweigen,
Wer sagt mir dann von ihr?

Ele devia ter notado antes,
O emblema posto no cimo da casa,
E assim nunca teria procurado
Na casa o retrato da mulher fiel.

Dentro o vento brinca com os corações
Como no telhado, mas com menos ruído.
Para que vos preocupais com a minha dor?
A vossa filha é uma noiva abastada.

Lágrimas geladas

Lágrimas geladas caem-me
Pelas faces abaixo;
Como se não tivesse notado,
Que tinha estado a chorar?

Ah, lágrimas, lágrimas minhas,
Sereis vós tão tépidas,
Que vos transformeis em gelo,
Como o fresco orvalho matutino?

E contudo brotais da nascente
Do meu peito tão escaldante,
Como se quisésseis derreter
Todo o gelo do Inverno!

Torpor

Em vão procuro na neve
Os vestígios dos seus passos,
Quando, pelo meu braço
Percorreu os prados verdes.

Quero beijar o chão,
Atravessar o gelo e a neve
Com as minhas lágrimas ardentes,
Até ver a terra.

Onde encontrarei uma flor,
Onde encontrarei uma erva verde?
As flores morreram
A relva está ressequida.

Não há então uma recordação
Que possa levar daqui?
Quando a minha dor se calar,
Quem me falará dela então?

Mein Herz ist wie erstorben,
Kalt starrt ihr Bild darin;
Schmilzt je das Herz mir wieder,
Fließt auch ihr Bild dahin!

Der Lindenbaum

Am Brunnen vor dem Tore
Da steht ein Lindenbaum;
Ich träumt in seinem Schatten
So manchen süßen Traum.

Ich schnitt in seine Rinde
So manches liebe Wort;
Es zog in Freud' und Leide
Zu ihm mich immer fort.

Ich mußt' auch heute wandern
Vorbei in tiefer Nacht,
Da hab' ich noch im Dunkel
Die Augen zugemacht.

Und seine Zweige rauschten,
Als riefen sie mir zu:
Komm her zu mir, Geselle,
Hier find'st du deine Ruh'!

Die kalten Winde bliesen
Mir grad ins Angesicht;
Der Hut flog mir vom Kopfe,
Ich wendete mich nicht.

Nun bin ich manche Stunde
Entfernt von jenem Ort,
Und immer hör' ich's rauschen:
Du fändest Ruhe dort!

Wasserflut

Manche Trän' aus meinen Augen
Ist gefallen in den Schnee;
Seine kalten Flocken saugen
Durstig ein das heiße Weh.

Wenn die Gräser sprossen wollen,
Weht daher ein lauer Wind,
Und das Eis zerspringt in Schollen
Und der weiche Schnee zerrinnt.

Schnee, du weißt von meinem Sehnen,
Sag', wohin doch geht dein Lauf?
Folge nach nur meinen Tränen,
Nimm dich bald das Bächlein auf.

O meu coração parece gelado,
Nela a sua imagem olha friamente;
Se o coração se me derreter de novo,
A sua imagem irá também na torrente!

A tília

Perto da fonte, diante da ponte
Encontra-se uma tília;
Eu sonhei, à sua sombra
Tantos sonhos agradáveis.

Gravei na sua casca
Tantas palavras de amor;
Na dor e na alegria
Sempre me atraíu para si.

Tive também hoje de passar
Diante dela, noite profunda,
E mesmo na escuridão
Fechei ainda os olhos.

E os seus ramos sussurravam,
Como se me chamassem;
Vem ter comigo, companheiro,
Aqui encontrarás o teu sossego!

Os ventos frios sopravam
Directamente no meu rosto;
O chapéu fugiu-me da cabeça,
Mas eu não me voltei.

Agora estou há várias horas
Afastado daquele lugar,
E ouço sempre murmurar:
Ali encontrarias o teu sossego!

Inundação

Muitas lágrimas dos meus olhos
Tombaram sobre a neve;
Os seus flocos gelados absorveram
Avidamente a minha dor ardente.

Quando a erva quer despontar,
Sopra ali um vento tépido,
E o gelo parte-se em bocados
E a neve mole derrete-se.

Neve, tu que conheces a minha ansiedade,
Diz-me, para onde vai o teu curso?
Segue apenas as minhas lágrimas,
Em breve te recolherá o regato.

Wirst mit ihm die Stadt durchziehen,
Munt're Straßen ein und aus;
Fühlst du meine Tränen glühen,
Da ist meiner Liebsten Haus.

Auf dem Flusse

Der du so lustig rauschtest,
Du heller, wilder Fluß,
Wie still bist du geworden,
Gibst keinen Scheidegruß!

Mit harter, starrer Rinde
Hast du dich überdeckt,
Liegst kalt und unbeweglich
Im Sande ausgestreckt.

In deine Decke grab' ich
Mit einem spitzen Stein
Den Namen meiner Liebsten
Und Stund' und Tag hinein:

Den Tag des ersten Grußes,
Den Tag, an dem ich ging;
Um Nam' und Zahlen windet
Sich ein zerbroch'ner Ring.

Mein Herz, in diesem Bache
Erkennst du nun dein Bild?
Ob's unter seiner Rinde
Wohl auch so reißend schwillt?

Rückblick

Es brennt mir unter beiden Sohlen,
Tret' ich auch schon auf Eis und Schnee,
Ich möcht' nicht wieder Atem holen,
Bis ich nicht mehr die Türme seh'.

Hab' mich an jeden Stein gestoßen,
So eilt' ich zu der Stadt hinaus;
Die Krähen warfen Bäll' und Schloßen
Auf meinen Hut von jedem Haus.

Wie anders hast du mich empfangen,
Du Stadt der Unbeständigkeit!
An deinen blanken Fenstern sangen
Die Lerch' und Nachtigall im Streit.

Die kunden Lindenbäume blühten,
Die klaren Rinnen rauschten hell,
Und ach, zwei Mädchenaugen glühten!
Da war's gescheh'n um dich, Gesell!

Atravessarás com ele a cidade,
Entrando e saindo nas ruas animadas;
Quando vires as minhas lágrimas incandescentes,
Aí é a casa da minha amada.

À beira do rio

Tu que murmuravas tão alegremente,
Tu, rio claro e impetuoso,
Como te tornaste calmo,
Não me dás um último adeus!

Como uma camada dura e hirta
Cobriste-te todo por cima,
Repousas frio e imóvel
Estendido sobre a areia.

No teu manto gravei
Com uma pedra aguçada
O nome da minha amada
Assim como a hora e o dia:

O dia do primeiro encontro,
O dia em que me fui embora;
Em redor do nome e dos números
Enrola-se um anel quebrado.

Neste regato, coração meu
Reconheces a tua imagem?
Haverá sob o seu manto
Também em caudal tão agitado?

Olhar o passado

Sinto o solo esaldar-me debaixo dos pés,
Embora caminhe sobre o gelo e a neve,
Não queria voltar a tomar fôlego,
Até deixar de avistar as torres.

Fui de encontro a todas as pedras,
Tanto corri para sair da cidade;
Os corvos lançavam neve e granizo
Sobre o meu chapéu, de todas as casas.

Quão diferente tu me acolheste,
Cidade da inconstância!
Nas tuas janelas reluzentes cantavam
A cotovia e o rouxinol ao desafio.

As vigorosas tílias estavam cheias de flor,
As torrentes límpidas sussurravam vivamente,
E ai! dois olhos de rapariga resplandeciam!
Foi esse o teu mal, meu rapaz!

Kommt mir der Tag in die Gedanken,
Möcht' ich noch einmal rückwärts seh'n,
Möcht' ich zurücke wieder wanken,
Vor ihrem Hause stille steh'n.

Irrlicht

In die tiefsten Felsengründe
Lockte mich ein Irrlicht hin:
Wie ich einen Ausgang finde,
Liegt nicht schwer mir in dem Sinn.

Bin gewohnt das Irregehen,
's führt ja jeder Weg zum Ziel:
Uns're Freuden, uns're Leiden,
Alles eines Irrlichts Spiel!

Durch des Bergstroms trock'ne Rinnen
Wind' ich ruhig mich hinab,
Jeder Strom wird's Meer gewinnen,
Jedes Leiden auch sein Grab.

Rast

Nun merk' ich erst, wie müd' ich bin,
Da ich zur Ruh' mich lege:
Das Wandern hielt mich munter hin
Auf unwirtbarem Wege.

Die Füße frugen nicht nach Rast,
Es war zu kalt zum Stehen;
Der Rücken fühlte keine Last,
Der Sturm half fort mich wehen.

In eines Köhlers engem Haus
Hab' Obdach ich gefunden;
Doch meine Glieder ruh'n nicht aus:
So brennen ihre Wunden.

Auch du, mein Herz, in Kampf und Sturm
So wild und so verwegen,
Fühlst in der Still' erst deinen Wurm
Mit heißem Stich sich regen!

Frühlingstraum

Ich träumte von bunten Blumen,
So wie sie wohl blühen im Mai;
Ich träumte von grünen Wiesen,
Von lustigem Vogelgeschrei.

Quando esse dia me vem à lembrança,
Gostaria bem de poder olhar para o passado,
Gostaria de recuar de novo, cambaleando,
E ficar em silêncio, diante da sua casa.

Fogo-fátuo

Para os abismos mais profundos
Atraiu-me um fogo-fátuo:
Como encontrar uma saída,
Não me traz grande preocupação.

Estou habituado a errar sem norte,
Todos os caminhos levam ao alvo:
As nossas alegrias, as nossas penas,
É tudo um jogo de fogos-fátuos!

Pelo leite seco da torrente da montanha
Serpenteio calmamente até abaixo,
Todos os ribeiros vão dar ao mar,
Todos os sofrimentos à sepultura.

Repouso

Só agora reparo como estou cansado,
Quando me deito para repousar:
Vaguear mantinha-me animado
Por caminhos pouco hospitaleiros.

Os pés não me pediam descanso,
Estava demasiado frio para parar;
As costas não sentiam, qualquer fardo,
A tempestade impelia-me para a frente.

Na casa estreita de um carvoeiro
Encontrei um abrigo;
Mas os meus membros não descansam:
Tanto me ardem os ferimentos.

Também tu, coração, na luta e na tormenta
Tão bravo e tão temerário,
Sentes no silêncio, pela primeira vez, a serpente
Mover-se e morder-te ferozmente!

Sonho de Primavera

Sonhei com flores coloridas,
Tal como desabrocham em Maio;
Sonhei com campos verdes,
Com o alegre cantar dos pássaros.

Und als die Hähne krächten,
Da ward mein Auge wach;
Da war es kalt und finster,
Es schrien die Raben vom Dach.

Doch an den Fensterscheiben,
Wer malte die Blätter da?
Ihr lacht wohl über den Träumer,
Der Blumen im Winter sah?

Ich träumte von Lieb' und Liebe,
Von einer schönen Maid,
Von Herzen und von Küssen,
Von Wonne und Seligkeit.

Und als die Hähne krächten,
Da ward mein Herze wach;
Nun sitz ich hier alleine
Und denke dem Traume nach.

Die Augen schließ' ich wieder,
Noch schlägt das Herz so warm.
Wann grünt ihr Blätter am Fenster?
Wann halt' ich mein Liebchen im Arm?

Einsamkeit

Wie eine trübe Wolke
Durch heit're Lüfte geht,
Wenn in der Tanne Wipfel
Ein mattes Lüftchen weht:

So zieh ich meine Straße
Dahin mit tragem Fuß,
Durch helles, frohes Leben,
Einsam und ohne Gruß.

Ach, daß die Luft so ruhig!
Ach, daß die Welt so licht!
Als noch die Stürme tobten,
War ich so elend nicht.

Die Post

Von der Straße her ein Posthorn klingt.
Was hat es, daß es so hoch aufspringt,
Mein Herz?

Die Post bringt keinen Brief für dich.
Was drängst du denn so wunderbar,
Mein Herz?

E quando os galos cantaram,
Abriram-se os meus olhos;
Estava frio e sombrio,
Os corvos gritavam no telhado.

Mas então, nos vidros das janelas,
Quem pintara aquela folhagem?
Bem podeis rir do sonhador,
Que via flores no Inverno!

Sonhava com amor correspondido,
Com uma bela rapariga,
Com corações e beijos,
Com a alegria e a felicidade.

E quando os galos cantaram,
O meu coração despertou;
Agora estou aqui sentado sozinho
E medito sobre o meu sonho.

Os olhos fecho-os de novo,
O coração bate-me ainda tão forte.
Quando se tornarão verdes as folhas na janela?
Quando tomarei a minha amada nos meus braços?

Solidão

Como uma nuvem sombria
Passa na atmosfera luminosa,
Quando no topo dos pinheiros
Sopra uma brisa suave:

Assim eu sigo o meu caminho
Avançando com passos indolentes,
Através da vida jovial e feliz,
Só e sem saudações de ninguém.

Ah! como a atmosfera está calma!
Ah! como o mundo está luminoso!
Quando as tempestades rugiam,
Não me sentia tão desventurado.

O correio

Naquela rua soa um postilhão.
Que tem isso, para que batas tão forte,
Meu coração?

O correio não traz nenhuma carta para ti.
Porque palpita então dessa maneira estranha,
Meu coração?

Nun ja, die Post kommt aus der Stadt,
Wo ich ein liebes Liebchen hatt',
Mein Herz!

Willst wohl einmal hinüberseh'n
Und fragen, wie es dort mag geh'n,
Mein Herz?

Der greise Kopf

Der Reif hatt' einen weißen Schein
Mir übers Haar gestreuet;
Da glaubt' ich schon ein Greis zu sein
Und hab' mich sehr gefreuet.

Doch bald ist er hinweggetaut,
Hab' wieder schwarze Haare,
Daß mir's vor meiner Jugend graut:
Wie weit noch bis zur Bahre!

Vom Abendrot zum Morgenlicht
Ward mancher Kopf zum Greise.
Wer glaubt's? und meiner ward es nicht
Auf dieser ganzen Reise!

Die Krähe

Eine Krähe war mit mir
Aus der Stadt gezogen,
Ist bis heute für und für
Um mein Haupt geflogen.

Krähe, wunderliches Tier,
Willst mich nicht verlassen?
Meinst wohl, bald als Beute hier
Meinen Leib zu fassen?

Nun, es wird nicht weit mehr geh'n
An dem Wanderstabe.
Krähe, laß mich endlich seh'n,
Treue bis zum Grabe!

Letzte Hoffnung

Hie und da ist an den Bäumen
Manches bunte Blatt zu seh'n,
Und ich bleibe vor den Bäumen
Oftmals in Gedanken steh'n.

Schaue nach dem einen Blatte,
Hänge meine Hoffnung dran;
Spielt der Wind mit meinem Blatte,
Zittr' i'ch, was ich zittern kann.

Ah, sim, o correio vem da cidade,
Onde eu tinha uma namorada,
Meu coração!

Queres apenas ir ver do outro lado
E perguntar como vão por lá as coisas,
Meu coração?

A cabeça grisalha

A geada espalhou um brilho alvo
Sobre os meus cabelos;
Pensei então ser já um velho
E fiquei muito contente.

Mas em breve se derreteu,
E tenho de novo o cabelo preto,
Como me horroriza a minha juventude:
Que longe ainda estou da sepultura!

Do crepúsculo à alvorada
Muitas cabeças se tornam grisalhas.
Quem acredita? A minha não o ficou
Em toda esta longa viagem!

A gralha

Uma gralha veio comigo
Quando saí da cidade,
Andou até hoje, sem parar
Voando em redor da minha cabeça.

Gralha, estranho animal,
Não me queres abandonar?
Julgas que, em breve, como duma presa
Te apoderarás do meu corpo?

Bem, não poderei continuar por muito tempo
Com o meu bordão de peregrino.
Gralha, deixa-me ver finalmente,
A fidelidade até ao túmulo.

Última esperança

Aqui e ali, nas árvores
Podem ver-se várias folhas coloridas,
E eu fico em frente das árvores
Muitas vezes a pensar.

Contemplo uma daquelas folhas,
Ponho nela a minha esperança;
Se o vento agita a minha folha,
Estremeço tanto quanto posso estremecer.

Ach, und fällt das Blatt zu Boden,
Fällt mit ihm die Hoffnung ab;
Fall' ich selber mit zu Boden,
Wein' auf meiner Hoffnung Grab.

Im Dorfe

Es bellen die Hunde, es rascheln die Ketten;
Es schlafen die Menschen in ihren Betten,
Träumen sich manches, was sie nicht haben,
Tun sich im Guten und Argen erlaben.

Und morgen früh ist alles zerflossen.
Je nun, sie haben ihr Teil genossen,
Und hoffen, was sie noch übrig lieben,
Doch wieder zu finden auf ihren Kissen.

Bellt mich nur fort, ihr wachen Hunde,
Laßt mich nicht ruh'n in der Schlummerstunde!
Ich bin zu Ende mit allen Träumen,
Was will ich unter den Schläfern säumen?

Der stürmische Morgen

Wie hat der Sturm zerrissen
Des Himmels graues Kleid!
Die Wolkenfetzen flattern
Umher im matten Streit.

Und rote Feuerflammen
Zieh'n zwischen ihnen hin;
Das nenn' ich einen Morgen
So recht nach meinem Sinn!

Mein Herz sieht an dem Himmel
Gemalt sein eig'nes Bild –
Es ist nichts als der Winter,
Der Winter, kalt und wild!

Täuschung

Ein Licht tanzt freundlich vor mir her,
Ich folg' ihm nach die Kreuz und Quer;
Ich folg' ihm gern und seh's ihm an,
Daß es verlockt den Wandersmann.

Ach! wer wie ich so elend ist,
Gibt gern sich hin der bunten List,
Die hinter Eis und Nacht und Graus
Ihm weist ein helles, warmes Haus.

Und eine liebe Seele drin: –
Nur Täuschung ist für mich Gewinn!

Ai, e se a folha cai ao chão,
Cai com ela a minha esperança;
Caio eu ao chão com ela,
Choro sobre o túmulo da minha esperança.

Na aldeia

Os cães ladram, as correntes tilintam;
As pessoas dormem nas suas camas,
Muitas sonham com o que não têm,
Deleitam-se com o bem e o mal.

E amanhã de manhã tudo se desvaneceu.
Ah sim, mas eles gozaram a sua parte,
E esperam, que aquilo que ainda deixaram,
O irão encontrar de novo sobre as almofadas.

Ladrem para me afastar, cães de guarda,
Não me deixeis descansar na hora de dormir!
Acabaram-se-me todos os sonhos,
Para que hei-de demorar-me entre os que dormem?

Manhã de tempestade

Como a tempestade despedaçou
O manto cinzento do céu!
Os farrapos de nuvens esvoaçam
Em volta numa luta frouxa.

E chamas de fogo vermelho
Perpassam por entre eles;
É a isto que chamo uma manhã
Exactamente ao meu gosto!

O meu coração vê no céu
Pintada a sua própria imagem –
Trata-se apenas do Inverno,
O Inverno frio e agreste!

Ilusão

Uma luz amiga dança à minha frente,
Sigo-a a torto e a direito;
Sigo-a contente e observo,
Que ela atraí o caminhante.

Ah, quem é tão infeliz como eu,
Cede alegremente ao artil colorido,
Que atrás do gelo, da noite e do pavor
Lhe revela uma casa quente e iluminada.

E dentro uma alma querida: –
Só na ilusão posso encontrar proveito!

Der Wegweiser

Was vermeid' ich denn die Wege,
Wo die ander'n Wand'rer gehn,
Suche mir versteckte Stege
Durch verschneite Felsenhö'n?

Habe ja doch nichts begangen,
Daß ich Menschen sollte scheu'n, –
Welch ein törichtes Verlangen
Treibt mich in die Wüstenei'n?

Weiser stehen auf den Wegen,
Weisen auf die Städte zu,
Und ich wand're sonder Maßen,
Ohne Ruh' und suche Ruh'.

Einen Weiser seh' ich stehen
Unverrückt vor meinem Blick;
Eine Straße muß ich gehen,
Die noch keiner ging zurück.

Das Wirtshaus

Auf einen Totenacker
hat mich mein Weg gebracht;
Allhier will ich einkehren,
hab' ich bei mir gedacht.
Ihr grünen Totenkränze
könnt wohl die Zeichen sein,
Die müde Wand'rer laden
ins kühle Wirtshaus ein.

Sind denn in diesem Hause
die Kammern all' besetzt?
Bin matt zum Niedersinken,
bin tödlich schwer verletzt.
O unbarmherzige Schenke,
doch weisest du mich ab?
Nun weiter denn, nur weiter,
mein treuer Wanderstab!

Mut

Fliegt der Schnee mir ins Gesicht,
Schüttl' ich ihn herunter.
Wenn mein Herz im Busen spricht,
Sing' ich hell und munter.

Höre nicht, was es mir sagt,
Habe keine Ohren;
Fühle nicht, was es mir klagt,
Klagen ist für Toren.

O poste indicador

Porque evito então os caminhos,
Por onde seguem os outros viandantes,
Procuro atalhos encobertos
Através dos cumes nevados?

Não cometi nenhum crime,
Que me obrigue a evitar os homens,
Que desejo insensato
Me impele para os lugares desertos?

Nas estradas erguem-se postes,
Apontando para as cidades,
E eu vagueio incessantemente,
Sem descanso, à procura de repouso.

Vejo um poste ali erguido
Imóvel perante o meu olhar;
Tenho de seguir por uma estrada,
Da qual nunca ninguém voltou.

A estalagem

Foi até um cemitério
que o meu caminho me trouxe.
É aqui que quero morar,
pensei para comigo.
Estas coroas mortuárias
verdes podiam bem ser o sinal,
Que convida o viandante cansado
a entrar na fresca estalagem.

Estão então nesta casa
os quartos todos ocupados?
Estou cansado, quase a desmaiar,
estou ferido de morte.
Ó impiedosa estalagem,
não me queres então acolher?
Vamos pois em frente, sempre
em frente meu fiel bordão de viandante.

Coragem

Se a neve me bate na cara,
Sacudo-a para longe.
Quando o coração me fala no peito,
Canto sonora e alegremente.

Não escuto o que ele me diz,
Não tenho ouvidos;
Não sinto do que ele se queixa,
Queixumes são para os néscios.

Lustig in die Welt hinein
Gegen Wind und Wetter!
Will kein Gott auf Erden sein,
Sind wir selber Götter!

Die Nebensonnen

Drei Sonnen sah ich am Himmel steh'n,
Hab' lang und fest sie angesehen'n;
Und sie auch standen da so stier,
Als wollten sie nicht weg von mir.

Ach, meine Sonnen seid ihr nicht!
Schaut ander'n doch ins Angesicht!
Ja, neulich hatt' ich auch wohl drei;
Nun sind hinab die besten zwei.
Ging nur die dritt' erst hinterdrein!
Im Dunkeln wird mir wohler sein.

Der Leiermann

Drüben hinterm Dorfe
steht ein Leiermann,
Und mit starren Fingern
dreht er, was er kann.
Barfuß auf dem Eise wankt
er hin und her
Und sein kleiner Teller
bleibt ihm immer leer.

Keiner mag ihn hören, keiner sieht ihn an;
Und die Hunde knurren um den
alten Mann.
Und er läßt es gehen alles, wie es will,
Dreht und seine Leier steht ihm
nimmer still.

Wunderlicher Alter, soll ich mit dir geh'n?
Willst zu meinen Liedern deine Leier
dreh'n?

Contente pelo mundo fora
Contra o tempo e o vento!
Se não há um Deus na terra,
Somos nós próprios os deuses!

Os parélios

Vi três sóis parados no céu,
Fitei-os longa e fixamente;
E eles também estavam lá tão imóveis,
Como se não quisessem afastar-se de mim.

Ah, vós não sois os meus sóis!
Contemplai outros no rosto!
Sim, até há pouco também eu tinha três;
Mas os dois melhores caíram.
Se o terceiro fosse igualmente embora!
Sentir-me-ia muito melhor na escuridão.

O tocador de realejo

Lá ao longe, atrás da aldeia
está um tocador de realejo,
E com os dedos enregelados
dá à manivela como pode.
Descalço sobre o gelo vacila
de um lado para o outro
E o seu pequeno prato
fica-lhe sempre vazio.

Ninguém gosta de o ouvir,
ninguém lhe lança um olhar;
E os cães rosnam em volta
do velho mendigo.
E ele deixa tudo correr, tudo como calhar,
Toca, e o seu realejo nunca está silencioso.

Estranho ancião, devo ir contigo?
Queres, com o teu realejo, as minhas
canções acompanhar?

MARIA JOÃO PIRES

Maria João Pires nasceu a 23 de Julho de 1944, em Lisboa. Tocou pela primeira vez em público em 1948. Em Portugal estudou com Campos Coelho e Francine Benoit, e mais tarde, na Alemanha, com Rosl Schmid e Karl Engel.

Gravou para a editora Erato durante 15 anos e, nos últimos 17 anos, para a Deutsche Grammophon.

Desde 1970 tem-se dedicado à reflexão sobre a influência da arte na vida, na comunidade e na escola, tentando desenvolver novos meios de implementação das teorias pedagógicas na sociedade. Pesquisou novas formas de comunicação que respeitam o desenvolvimento pessoal, em oposição à lógica destrutiva e materialista da globalização. Em 1999, Maria João Pires criou Belgais, um centro para o estudo das artes, tendo actualmente alargado a filosofia e pedagogia de Belgais à cidade da Baía, no Brasil.

Em 2005 criou o Art Impressions, um grupo experimental de teatro, dança e música e, em conjunto, produziram dois projectos – *Transmissions*, e em 2007 *Schubertiade*.

Maria João Pires foi artista associada na temporada 2008/2009 do Centro Cultural de Belém, onde se apresentou em diversos concertos, nomeadamente em Setembro de 2008, integrado no projecto Beethoven 2008, interpretou música de Schubert e Beethoven com o violoncelista Pavel Gomziakov e o tenor Rufus Müller, em Janeiro de 2009, também com Pavel Gomziakov, interpretou obras de Chopin e, por último, em Abril de 2009, com o pianista convidado Ricardo Castro música de Schumann, Grieg e Schubert.



© F. BROEDEL

RUFUS MÜLLER

O tenor anglo-germânico Rufus Müller foi considerado pelo *The New York Times*, no seguimento de uma actuação recente no Carnegie Hall, como "... o melhor tenor que já ouvi num concerto ao vivo do *Messias*". É o Evangelista principal nas *Paixões* de Bach e a sua interpretação única desta personagem confirmou o seu estatuto como um dos mais requisitados cantores do mundo. Apresentou-se na estreia mundial da aclamada produção da *Paixão segundo São Mateus* de Jonathan Miller, que foi também gravada para a United e transmitida pela BBC TV; recentemente repetiu a sua actuação numa reposição da produção na Brooklyn Academy of Music em Nova Iorque.

No domínio da oratória e da ópera trabalhou com muitos maestros prestigiados, como Franz Weiser-Möst, Sir John Eliot Gardiner, Roger Norrington, Ivor Bolton, Richard Hickox, Nicholas McGegan, Gustav Leonhardt, Frans Brüggen, Trevor Pinnock, Philippe Herreweghe, Joshua Rifkin, Andrew Parrott, Nicholas Kraemer e Ivan Fischer. Apresenta-se regularmente com a pianista Maria João Pires com quem já actuou em Espanha, Portugal, Alemanha, Irlanda, Japão e Reino Unido.

Nas suas interpretações na área da ópera destacam-se Tamino (Garsington Opera) Lucano em *L'Incoronazione di Poppea* (Houston Grand Opera), as personagens principais em *Pygmalion* de Rameau e *Persée* de Lully (Opera Atelier em Toronto), em *Orfeo* de Monteverdi (Opera Zuid na Holanda), *Aminta* em *Euridice* de Peri (Opéra de Normandie), *Alessandro* em *Porò* de Handel (Halle) e *Lurciano* em *Ariadante* de Handel em Göttingen com Nicholas McGegan gravado para CD pela Harmonia Mundi, EUA. Cantou também Tersandre em *Roland* de Lully com René Jacobs em Paris, Lisboa e Montpellier, Giuliano em *Rodrigo* de Handel em Siena, Castor em *Castor et Pollux* de Rameau em Magdeburg, *Il Ritorno di Ulisse in Patria* em Atenas, Florença e Cremona, Oronte em *Alcina* com Paul Goodwin e a



Academia de Música antiga em Montreux e Poissy, e Soliman em *Zaide* com Ivor Bolton e a Freiburg Baroque Orchestra em Londres.

Outras gravações incluem *Paixão segundo S. João* e *Cantatas* de Bach com John Elliot Gardiner para a DG Archiv, *A Flauta Mágica* de Mozart e a *Fantasia Coral* de Beethoven com Roger Norrington para a EMI, *First Book of Airs* de Dowland com o alaudista Christopher Wilson para a ASV, *O tuneful voice* de Haydn e canções de Benda com a soprano Emma Kirkby e três CD com canções do séc. XIX com *Invocation*, todas para a Hyperion, *Admiralitätsmusik* de Telemann na CPO, cantatas a solo de Telemann na *Capriccio*, *Evidence of Things Not Seen* de Ned Rorem com o New York Festival of Song para a New World Records, e canções de Franz Lachner com Christoph Hammer para a Oehms Classics.

Em recital pode-se destacar *Die schöne Müllerin* de Schubert em Munique e Barcelona, um recital no âmbito da exposição de Burne-Jones no Museu de Orsay, em Paris, Mozart Festival em Salzburgo, e actuações com o New York Festival of Song.

Rufus Müller nasceu em Kent, Inglaterra, e estudou canto no New College, em Oxford. Actualmente estuda em Nova Iorque com Thomas Lo Monaco. Em 1985 obteve o 1.º Prémio no English Song Award em Brighton, e em 1999 foi também premiado na Oratorio Society of New York Singing Competition.

É professor assistente convidado de música no Bard College.

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] \ ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] \ MARGARIDA VEIGA [VOGAL]

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO | ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA | ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR | ASSESSORES PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO \ FRANCISCO SASSETTI | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUÍSA INÊS | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ | PRODUÇÃO INÊS CORREIA \ PATRÍCIA SILVA \ HUGO CORTEZ \ INÊS LOPEZ \ VERA ROSA \ JOÃO MIGUEL MARTINS | ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO | DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG | DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES \ PATRÍCIA COSTA \ PAULA FONSECA \ JOSÉ VALÉRIO | ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA VOLANDA ALVES | DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PEDRO CAMPOS \ LUÍS SANTOS \ RAUL SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO ARTUR BRANDÃO \ F. CÂNDIDO SANTOS \ VÍTOR PINTO \ CÉSAR NUNES \ JOSÉ CARLOS ALVES \ HUGO CAMPOS \ MÁRIO SILVA \ RICARDO MELO \ RUI CROÇA | CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO | TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO \ EDUARDO NASCIMENTO \ LUÍS GARCIA SANTOS \ NUNO BIZARRO \ PAULO CACHEIRO \ NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY | TÉCNICO DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA \ LUÍS TEIXEIRA \ VÍTOR HORTA

WWW.CCB.PT

Ciclo Schumann

Uma voz vinda de longe

ROBERT SCHUMANN



UMA VOZ VINDA DE LONGE
1810/2010

1842 **13 Fevereiro** 21h

Schostakovich-Ensemble

ENSEMBLE ASSOCIADO TEMPORADA 2009-2010

Filipe Pinto-Ribeiro \ Ramón Ortega \ Tatiana Samouil

Eliot Lawson \ Natalia Tchitch \ Pavel Gomziakov

ROBERT SCHUMANN Quarteto com piano, op. 47 \ 3 Romances para oboé e piano, op. 94
\ Quinteto com piano, op. 44

A voz presente **15 Fevereiro** 21h

Florian Boesch

BARÍTONO

Roger Vignoles

PIANO

ROBERT SCHUMANN Liederkreis, op. 24 Heinrich Heine \ Die beiden Grenadiere, op. 49/1

Abends am Strand, op. 45/3 \ Mein Wagen rollet langsam, op. 142/4

Belsatzar, op. 57 \ Der arme Peter 1-3, op. 53/3 \ Liederkreis, op. 39 Joseph von Eichendorff

O poeta e a sua musa **17 Fevereiro** 21h

Bruno Monteiro

VIOLINO

João Paulo Santos

PIANO

CLARA SCHUMANN Três Romances para violino e piano, op. 22 **ROBERT SCHUMANN** Sonata n.º 1 para violino e piano, em Lá menor, op. 105 \ Sonata n.º 2 para violino e piano, em Ré menor, op. 121

No limiar da fantasia **20 Fevereiro** 21h

Orquestra de Câmara Portuguesa

ORQUESTRA EM RESIDÊNCIA TEMPORADA 2009-2010

Bruno Borralhinho VIOLONCELO Pedro Carneiro DIRECÇÃO

ROBERT SCHUMANN Abertura de *Manfred*, op. 115 \ Concerto para violoncelo e orquestra, em Lá menor, op. 129 \ Sinfonia n.º 4, em Ré menor, op. 120 versão original 1841

Contraponto **21 Fevereiro** 17h

Piotr Anderszewski

PIANO

JOHANN SEBASTIAN BACH Suite Inglesa n.º 5 em Mi menor, BWV 810 \ Suite Inglesa n.º 6

em Ré menor, BWV 811 **ROBERT SCHUMANN** Novelettes, op. 21 (n.ºs 4, 5 e 6) \ Gesänge der Frühe, op. 133

O jovem Schumann **23 Fevereiro** 21h

Jean-Efflam Bavouzet

PIANO

ROBERT SCHUMANN Toccata, em Dó maior, op. 7 \ Concerto sem orquestra, em Fá menor, op. 14, Grande Sonata versão com 4 andamentos **SERGEI PROKOFIEV** Sonata n.º 6, em Lá Maior, op. 82

1.ª das *Sonatas de Guerra*